

## Play, cut, mute

### *Ana Luiza Nobre*

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Contato: nobre@puc-rio.br

A proposta de realizar um workshop com o artista albanês Anri Sala surgiu da convergência de vários fatores: um convênio de cooperação assinado entre a PUC-Rio e o Instituto Moreira Salles; a oportunidade de contar com a presença do artista no Rio (em função de uma exposição a ser realizada no IMS em 2016); e o desejo de aproximação entre o Departamento de Arquitetura e Urbanismo, o Departamento de Letras e o Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio.

O desafio foi aceito com rapidez e interesse surpreendentes pelo artista.<sup>1</sup>

*[...] many thanks for your thoughts, I'm sure that there is a lot of common points to pull off something that makes sense in relation to the local context. We can start a conversation as you suggest, based on some material that you can gather and from there develop a couple of options/directions to choose from.*

Para dar partida ao trabalho, fiz então uma pré-seleção de espaços críticos na cidade, sobre os quais reuni algumas imagens e informações, enviadas por e-mail a Berlim. A pré-seleção privilegiou espaços e áreas da cidade marcados por intensos processos de transformação urbana, como:

---

<sup>1</sup> Nascido em Tirana, Albânia, em 1974, vive atualmente em Berlim. Estudou em Tirana e em Paris, expôs na Bienal de Veneza (em 1998 e em 2003), na Bienal de São Paulo (em 2002 e em 2010), na Serpentine Gallery de Londres (em 2011), no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris (em 2004) e em outros espaços. Seus filmes e vídeos expressam preocupações políticas e mostram uma sensibilidade particular voltada para a arquitetura e para as questões

canteiros de obras paralisados na área portuária; casas em processo de remoção; a Rocinha e o conjunto habitacional Marquês de São Vicente, mais conhecido como "Minhocão". Acrescentei uma sugestão de título (*Play, pause, mute*) e fiquei acompanhando ansiosamente o *download* via *wetransfer*.

A resposta demorou dois longos meses. Imagino que tenha pesado na decisão algo que tratei de valorizar no resumo enviado: o corte brutal no edifício modernista por um túnel acústico construído no período militar. O objeto escolhido, afinal, não poderia se mostrar mais próximo de vários temas caros a Sala: expressa tanto o utopismo da arquitetura moderna quanto o seu colapso, guarda uma relação profunda com o contexto político e social local e inclui um elemento que tensiona de maneira inusitada a relação entre espaço e som.

*What about titling it: Play, Cut, Mute?*

Perfeito.

O próximo passo foi pensar num formato que acomodasse o tempo e os recursos disponíveis, as agendas de todos e o calendário acadêmico. O objetivo era oferecer uma abertura no cotidiano tantas vezes

urbanas, com foco em situações envolvendo o abandono e a degradação. Alguns de seus trabalhos mais conhecidos são *Dammi i colori*, de 2003 (uma entrevista itinerante com o prefeito responsável pelo projeto de revitalização da cidade de Tirana), *Long sorrow*, de 2005 (filmado no conjunto habitacional homônimo, em Berlim), e *Answer me*, de 2008 (filmado numa cúpula geodésica projetada por Buckminster Fuller, em Berlim).

massacrante da vida acadêmica. E do ponto de vista do IMS, uma nova perspectiva para os projetos educativos. Em conversas com Ana Kieffer e Karl-Erik Schollhammer, professores do Departamento de Letras e corresponsáveis pela organização, ficou decidido que o *workshop* seria formalizado academicamente como uma disciplina de 1 (um) crédito aberta para os alunos da graduação e da pós-graduação no formato de um seminário especial do Instituto de Estudos Avançados de Humanidades, pelo qual eu seria responsável. O limite seria de quinze alunos e a duração de um mês (com o início marcado para duas semanas antes da chegada de Sala e o término para duas semanas depois de sua partida). O objetivo: "a partir da análise dos trabalhos do artista albanês Anri Sala e do encontro com o mesmo, explorar a relação entre som e espaço/arquitetura por meio de uma experiência de "escrita sonora" no Conjunto habitacional Marquês de São Vicente (conhecido como "Minhocão"), na Gávea. Trata-se de conjunto habitacional que, seguindo os princípios e os ideais da arquitetura modernista tal como elaborada no Brasil a partir da década de 1930, foi projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy para a Prefeitura na década de 1950. O conjunto foi apenas parcialmente construído e seu edifício principal – com cerca de 300m de comprimento –, foi brutalmente cortado por um túnel acústico no final dos anos 1970, durante o regime militar."

Uma apresentação do trabalho do artista para os alunos interessados aconteceu no final do primeiro semestre. *Le clash*. Todos fisgados. O passo seguinte foi fazer a seleção dos alunos, baseada no currículo e na justificativa de interesse dos candidatos que preenchessem dois requisitos básicos: ter fluência em inglês e CR acumulado acima de 7,0.

Foram selecionados cinco alunos do Departamento de Arquitetura (três da graduação, dois da pós-graduação) além de um pós-doutorando, e três da pós-graduação do Departamento de Letras. Foram ainda incorporados dois

alunos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Um grupo bastante heterogêneo, com bagagens, repertórios conceituais e questões distintas, porém complementares. Organizados em subgrupos de quatro, os alunos apresentaram seus temas de interesse e de pesquisa no nosso primeiro encontro, dos quais emergiram três temas centrais relacionados ao nosso objeto de estudo: habitação, cidade e fracasso.

Na sequência, mais dois encontros foram dedicados a um seminário preparatório com convidados externos: uma mesa-redonda sobre a arquitetura de Affonso Eduardo Reidy, com os professores João Masao Kamita (Departamento de História, PUC-Rio) e Luiza Baldan (EAV-Parque Lage); e outra mesa sobre o espaço de Anri Sala, com Heloisa Espada (IMS) e Danusa Depes (Departamento de Letras, PUC-Rio).

Enquanto isso, os alunos foram desenvolvendo suas pesquisas sobre o "Minhocão" com base nos temas destacados para cada grupo, a fim de ter uma apresentação em formato audiovisual para apresentar a Anri Sala. No tempo enxuto de duas semanas, mergulharam em pesquisas bibliográficas tanto na internet quanto em acervos físicos, fizeram visitas de campo com consultas a moradores (etc.) e prepararam apresentações que discutimos e avaliamos juntos na quarta e última aula antes do encontro com Anri Sala.

A aproximação da obra do artista se deu simultaneamente por meio das discussões que foram se desdobrando a partir dos vídeos que fomos assistindo juntos nos nossos encontros noturnos, que aconteciam numa sala de reuniões do 11º andar do edifício Leme.

*You could have them see as many of the films that you wish, besides Ravel Ravel, Unravel, The Present Moment, Long Sorrow, Answer Me, Le Clash and Tlatelolco Clash. Actually, they could of course see these ones too, provided that they have time, because when I use them for the workshop presentation, I will not show them as wholes but only excerpts... I think I*

*will focus on the aspect of music, space and place (as context) in my work and the above films are my examples of choice.*

Enfim chegamos a data do nosso encontro com Anri Sala. E como a data do workshop acabou coincidindo com um seminário internacional organizado pelo Departamento de Letras, o que seria uma apresentação fechada para um pequeno grupo de alunos acabou como um evento aberto tanto para a comunidade acadêmica quanto para convidados externos, todos reunidos num auditório lotado da PUC. Em cerca de 90 minutos, Anri Sala apresentou trechos de vários de seus trabalhos, discutiu seu interesse pelos limites da linguagem e pela falência da sintaxe e apresentou um dos princípios norteadores do seu trabalho: *Keep the door of the subjectivity open*.

Só então seguimos para a sala de reuniões, na qual cada grupo apresentou a Anri Sala seu trabalho, baseado na investigação prévia sobre o “Minhocão”. Ele comentou cada um com grande interesse e atenção, fazendo críticas e sugestões precisas. Saímos dali com um dever de casa para o dia seguinte: levar uma imagem de um instrumento musical que lembrasse, de algum modo, o Minhocão.

Na manhã seguinte, lá estávamos de novo na PUC. De lá seguimos caminhando para o Minhocão. Até então, Sala somente o tinha visto pelos nossos olhos. E era também a primeira vez que o grupo visitava o edifício junto. O resultado superou todas as expectativas. Durante três horas, percorremos todos os níveis e espaços do edifício, visitamos um apartamento e conversamos com moradores novos e antigos. Mobilizado, Anri Sala fez inclusive sugestões para envolver a cúpula do planetário num dos trabalhos, até que, com o apoio inesperado do síndico, o grupo – àquela altura já acrescido de uma moradora, um funcionário do condomínio e outras três pessoas do IMS (a curadora da exposição, sua assistente e a produtora) – improvisou uma escada para chegar à cobertura do túnel acústico. Que experiência! Quase 500 metros de uma passarela de concreto suspensa entre a mata e o edifício

em curva, com a Rocinha à frente e os carros abafados sob os nossos pés. Enquanto alguns de nós caminhávamos com fones à prova de som, outros corriam loucamente sobre as ondas do túnel. Quem poderia imaginar que existisse algo assim bem ali, ao lado da PUC? Como pudemos passar por ali tantas vezes sem ter visto aquilo antes? Seria, afinal, da potência da arte esse experimentar com outros olhos e ouvidos um espaço tão presente no nosso cotidiano?



Grupo em visita ao Minhocão. Foto de Chico Arraes.



Grupo em visita ao teto do Túnel Acústico. Foto de Chico Arraes.

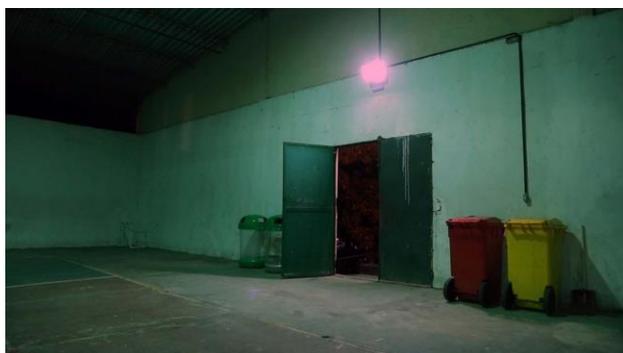
Pausa para almoço. De volta à sala de aula, agora no IMS, discutimos a experiência e conversamos sobre o processo de trabalho de Anri Sala. Por fim, ficou decidido que o produto final do workshop – a ser desenvolvido em grupo ou individualmente – seria um projeto de trabalho sobre o Minhocão que poderia ser audiovisual, fotográfico ou textual (em forma de texto, script ou maquete). Antes de se despedir, Anri Sala comentou as

imagens dos instrumentos musicais trazidos pelos alunos e pediu novo desdobramento: imaginar o mesmo instrumento com uma função distinta daquela para a qual é usado.

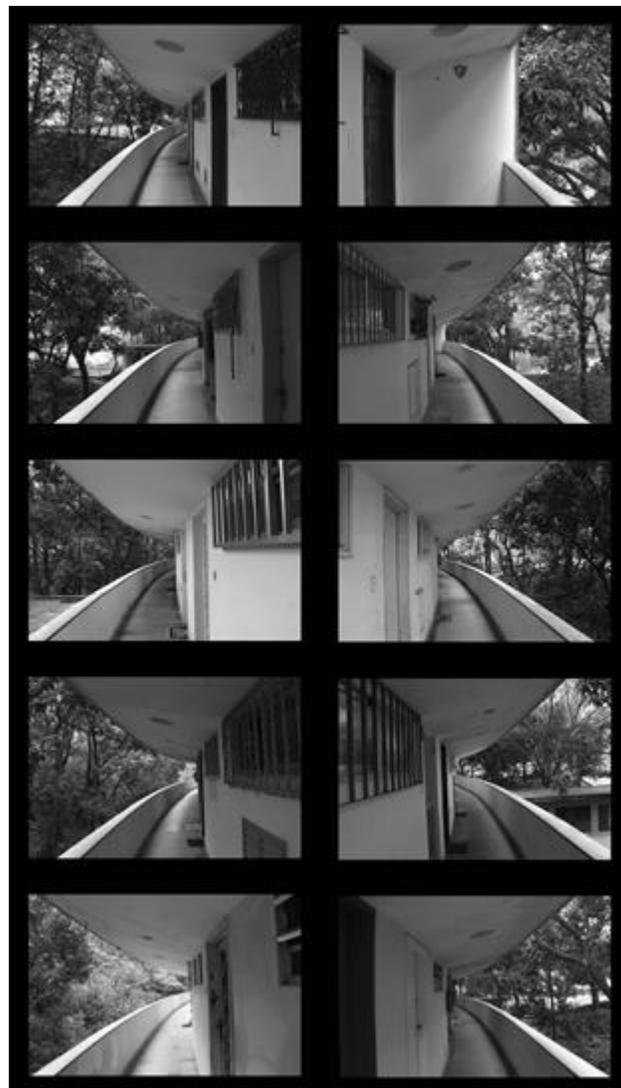
O exercício foi um grande desafio para todos, em especial para os alunos de Arquitetura, de visão tradicionalmente mais funcionalista. O resultado é o que está aqui. Um conjunto surpreendente de poéticas de subversão, que resultou de uma ação educativa única e inesquecível, nascida de um corpo a corpo com a arquitetura e a cidade.

*I think they are interesting approaches and takes on the building, its context, narrative and structure. Attached a photo of our group that I took that day. All the best and please give my regards to everyone, Anri.*

O resto – e há muito mais – pensamos em apresentar numa exposição no próprio “Minhocão”. Se possível, dentro de alguns apartamentos, que abrigariam os trabalhos e abririam suas portas para os visitantes numa tarde de domingo, com uma cerveja gelada e o convite a uma boa conversa sobre habitação, cidade, fracasso, poesia, som e espaço...



Still do vídeo "Minhocão", realizado durante o workshop por Michel Masson, Yan Braz, Chico Arraes e Maíra Fernandes.



Trabalho final do workshop de Chico Arraes.

“Exercício com instrumentos musicais. Proposta: escolher um instrumento musical que por algum motivo/alguma razão lembre você do “Minhocão” e transformá-lo ao subverter seu uso original.

### DIAPASÃO

Michel Masson



Ressonador acústico em formato de forquilha. Forma-U. Forma-TÚNEL que ressoa uma nota específica e constante ao vibrar quando golpeada contra uma superfície ou um objeto. Tom musical muito puro com grande parte da energia vibracional em uma frequência fundamental.

#### Túnel acústico

Longa e estreita passagem para o tráfego de veículos através de um edifício modernista, fechada, exceto nas extremidades, com [alguma] proteção acústica. Barulho. Muito barulho contido. Massa constante de som bruto.

#### Proposta

(ou usando um instrumento musical de maneira incomum) Cobrir o teto do túnel com milhares de grandes diapasões pendurados. Criar uma instalação sonora [e visual]. Fazer os veículos produzirem outro som por meio do deslocamento de ar provocado por sua passagem. Diapasões metálicos batendo uns nos outros. Dois sons em uníssono.

### CORDAS

Yan Braz



Quando fechado à noite para manutenção, o túnel receberia em sua entrada lasers verticais que funcionariam como cordas. Um grupo de motoboys cruzaria e ao tocar as cordas em movimentos livres, produziria sons. Os motociclistas atuariam como músicos. O som seria capturado e projetado para o interior do edifício através de amplificadores colocados em lugares estratégicos. A estrutura do Minhocão seria usada como mesa de som.

### GLOCKENSPIEL

Marcela Filizola



Inicialmente eu pensei em um glockenspiel ou um xilofone devido a seus formatos, pois me lembravam o de um túnel. E eu acho que o som que eles fazem, especialmente o glockenspiel por ser um objeto metálico,

associa-se bem com o prédio, onde se tem uma mistura de serenidade e velocidade, natureza e cidade. Alguns instrumentos de percussão são tocados usando mais força e têm um som mais alto e “violento”, mas o glockenspiel possui um som muito suave mas ao mesmo tempo poderoso, que de alguma maneira me remete ao prédio e ao túnel. Pensei em um novo uso para o instrumento, achei, então, que seria interessante invertê-lo e usar os canos inferiores como um instrumento de sopro. Sendo feito de metal, talvez produzisse um som interessante que seria similar ao do vento soprando as árvores. E eu acho que ambas formas de tocá-lo são maneiras com que o corpo se mexe e sente ao andar pelo prédio ou pelo túnel.

### SANFONA / ACORDEÃO

Manuela Mendonça



Recebendo apoio de superfícies, o acordeão tem agora suas alças funcionando como chicotes, chicoteando o corpo do instrumento causando uma musicalidade controversa.

### CHOCALHO

Beatriz Saade



Eu escolhi um chocalho não tanto por seu som, mas por sua forma, conteúdo e funcionamento. É um invólucro que contém objetos variados, como conchinhas, missangas, que produzem um som particular, como no Minhocão, onde se escuta um borbulhar de pessoas e coisas, sua própria “música” em seu lugar tão particular. Alternativamente, pode ser usado como campainha ou distribuído para cada morador do Minhocão para ser sacudido ao mesmo tempo, no mesmo ritmo, de forma a produzir um som inesquecível que ecoe por toda a cidade.

### FLAUTA

Laura Maciel



Frequentemente usado como flauta que produz sons de pássaros, mas que também poderia funcionar como um obstáculo que pode fazer o som de algo ou alguém escorregando.

### FLAUTA PERUANA

Maíra Fernandes de Melo



A flauta também se relaciona ao prédio em sua forma e padrões, especialmente depois da visita à cobertura do túnel e sua forma de onda. Normalmente é usada como instrumento de sopro que se relaciona ao edifício em suas aberturas e espaços vazios – referindo ao vento – e também como os tubos da flauta podem se relacionar à floresta atrás do edifício. De forma subversiva, pode ser usado como um xilofone improvisado, necessitando nada além de uma simples vareta feita de qualquer material (uma feita de ferro soaria bem!).

### MACUMBA

Maíra Fernandes de Melo



É um antigo tipo de “reco-reco” que pode ser tocado como uma claquete. Era muito comum em rituais religiosos de origem africana. Com o passar do tempo, o nome do instrumento passou a designar a religião e seus

ritos. Relaciona-se ao prédio por seu formato, padrões e cortes. Também por seu significado simbólico, uma vez que a prática de religiões associadas à macumba é muito comum entre os moradores do Minhocão.”